

MARCELO NINIO



10 minutos | 5 minutos



China erra sua aposta na Síria

Procuradores declarados do regime sírio de Bashar al-Assad, mas há outra potência que fez a aposta errada e será que se configura sua estratégia na região? A China, que no último ano havia abraçado Assad com fervor. E uma denotação de que a influência cres-

cente de Pequim no Oriente Médio tem limites — e às vezes cobra um preço. Até quase o fim deste ano, o governo chinês parecia crer na permanência de Assad no poder, mostrando-se disposto a apoiar "os esforços da Síria para manter a separação nacional e a estabilidade". Com essa linha de conduta, a aposta chinesa tornou-se errada. Mas já era tarde. Assim como o preço de surpresa a população síria, o preço rebelde que se escreveu meio século de tirania da família Assad também não estava nos planos da China. Ao contrário de sua tradição em outras zonas de conflito, na Síria a China não tinha planos. No Afeganistão, por exemplo, o governo chinês cooperava com o governo pró-Ocidente enquanto mantinha contato com o Talibã. Quando o grupo islamista estomou o poder, em 2021, Pequim estava pronta para a transição. Com a Síria foi diferente: o governo chinês apoiou todos os fôcos no regime de Bashar al-Assad. Tanto que ano passado, estabeleceu-se uma "parceria estratégica", quando Assad fez sua primeira visita em 25 anos à China e foi recebido calorosamente pelo presidente do país, Xi Jinping.

No esforço de sempre o isolamento internacional de Assad, a ideia era incluir no projeto chinês de infraestrutura da Nova Rota da Seda a reconstrução da Síria no pós-guerra. Os planos eram discretos, mas persistentes. Há duas semanas, numa grande festa de negócios em Pequim, um oficial do governo sírio tentava timidamente aliar investimentos para o país. A estrela, uma representação da PDVSA, a estatal venezuelana de petróleo. O encontro chinês só não contou com um colapso tão rápido da disputa Assad. Uma semana antes, o Talibã e o regime de Bashar al-Assad que atraiu a simpatia de Pequim é a hostilidade de ambos aos EUA. No caso de Síria, foi um movimento quase natural ficar ao lado de Rússia e Irã, também adversários de Washington, no apoio a Assad. Em dez anos de guerra civil (2011-2021), a China estomou dez vezes seu poder de veto para vetar resoluções contra a Síria

no Conselho de Segurança da ONU. Só ficou atrás da Rússia, que fez o mesmo 17 vezes. A queda de Assad pôe fim à parceria estratégica pela qual o governo chinês ambicionava ampliar sua influência no Oriente Médio com investimentos de que a Síria precisa desesperadamente, após 11 anos em guerra. Mesmo sem saber o que acontecerá, a maioria da população ficou feliz com o fim da era Assad, contra a colônia um morador de Tartus, cidade onde a Rússia mantém uma base naval. Segundo ele, "ninguém aguenta mais" as dificuldades econômicas. Uma das exceções parece lembrada, aliás, é apontada como fator crucial na guerra civil síria e seu novo capítulo. Por pressão russa, Assad trouxe um governador que iria do Golfo Pérsico até a Europa e beneficiaria a Turquia. Inconsciente, o presidente turco, Recep Tayyip Erdoğan, acabou se tornando o maior apoiador da revolta contra o regime sírio. Com Assad, Rússia e Irã fora do caminho, alguns sentem no ar um clima de Império Otomano, já que a Turquia deseja a ser o país com mais influência na nova Síria. Bem no estilo de Erdoğan.

FIM DE UMA ERA

Pedidos de asilo de sírios são suspensos na Europa

Em 13 anos de guerra civil, país produziu uma das maiores crises de deslocamento do mundo na atualidade, com mais de 6 milhões de refugiados fora de seu território e 7,2 milhões de deslocados internos

MONITOR

O colapso em 11 dias de um regime de 54 anos, tem sido observado com cautela por diversos países ao redor do mundo — sobretudo os que abrigam a dispersão de 13 anos de guerra civil. Segundo a agência da ONU para refugiados (Acnur), o país continua produzindo uma das maiores crises de deslocamento do mundo, com uma projeção de 7,2 milhões de deslocados internos e 6,2 milhões de refugiados em outros países vizinhos, como Turquia e Líbano, e também na Europa.

Das respostas mais contraditórias da Europa até agora à queda de Bashar al-Assad. O continente abriga mais de um milhão de refugiados sírios, com cerca de 60% deles na Alemanha, o que os torna o maior grupo estrangeiro abrigado no país. Na Áustria, os sírios ainda são o maior grupo de imigrantes de ano, com 12.871 pedidos até novembro.

Como elegíveis para asilo, 321.444 receberam status de refugiado e 329.242 obtiveram proteção subsidiária, uma permissão temporária para permanecer no país. O status de proteção geralmente é concedido por três anos e só pode ser revogado se a situação no país de origem tiver mudado. Não ficou claro o status dos milhares SIR 360.

PAÍSES QUE MAIS RECEBERAM SÍRIOS

Crise na Síria deixou mais de 6,2 milhões de pessoas deslocadas pelo mundo



Internas indomitas que precisam resolver a situação que, por isso, suspenderá temporariamente o processamento de todos os pedidos de asilo. No domingo, chanceler Karl Nehammer publicou no X que a situação na Síria deveria ser resolvida para permitir a retomada das deportações. Dinamarca, Suécia, Noruega e Reino Unido também anunciaram a suspensão do asilo, e a França afirmou que avalia fazer o mesmo. No domingo, o chanceler turco, Hakan Fidan, disse que os milhões de sírios deslocados pelo conflito agora pedem asilo para casa, o que muitos já começaram a fazer ontem mesmo.
 Com AFP, Bloomberg e New York Times

De Baku a Belém, pauta climática urgente em debate

Seminário de O GLOBO e Valor analisa a última COP e projeta a próxima

A COP29, realizada no fim, mas os debates vão continuar no seminário "De Baku a Belém: o futuro climático em debate nas COPs", que será realizado amanhã no auditório da Editora Globo, no Centro do Rio. No evento, autoridades, especialistas, setor privado, cientistas, ativistas e representantes de comunidades tradicionais vão analisar os principais resultados da última conferência, que teve como foco o financiamento climático. O seminário tem realização dos jornais O GLOBO e Valor Econômico e patrocínio da Engie.

Os debates se estendem aos desafios globais e as soluções que o Brasil pode oferecer para a emergência climática na COP30, que será realizada na capital paraense. A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, será a palestrante convidada na abertura. O evento terá ainda o embaixador André Corrêa do Lago, secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores, com o tema "Mudanças climáticas e biodiversidade: apostas do Brasil para a COP30". As inscrições para participar presencialmente já se esgotaram, mas ninguém precisa perder a discussão: o evento será trans-

misso ao vivo nos sites e nas redes sociais do GLOBO e de Valor, a partir das 9h. Outros dois painéis compõem a programação. O primeiro, "COP 29: financiamento climático, a conta que ninguém quer pagar", reúne Caroline Dill Prolo, head de stewardship climático na Fama Re:capital, Flávia Teixeira, gerente de Meio Ambiente, Responsabilidade Social Corporativa e Transição Energética da Engie Brasil, Marileneo, subsecretária de Conservação da Biodiversidade e Mudanças do Clima da Secretaria de Estado do Ambiente e Sustentabilidade do Rio de Janeiro; Si-



Participação: A ministra Marina Silva é a palestrante convidada da abertura

lho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Daniela Chiacetti, jornalista do Valor Econômico, e quem fará a moderação.
 AMAZÔNIA O último painel, batizado de "A Cúpula da Amazônia e o mundo que queremos", traz Ciro Brito, especialista em políticas climáticas do Instituto Socioambiental (ISA); Gabriela Savian, diretora adjunta de Políticas Públicas do IPAM; Ricardo Young, sócio-diretor na C7&I - Cultura, Transição e Integridade; e Talita Priscila Pinto, coordenadora do Observatório de Bioeconomia da FGV. A moderação é de Ana Lúcia Azevedo, repórter especial do GLOBO.

APORTE DE CELULAR PARA O QR CODE E ACOMPANHAR O SEMINÁRIO AO VIVO AMANHÃ

Advertisement for COP29 featuring logos for ENGIE, Valor, and O GLOBO. Text: "Os assuntos mais importantes do planeta você entende aqui."